

Instituto de arte contemporânea

• EU SOU VOCÊ •

1973



## Waltercio Caldas Junior

OBJETOS E DESENHOS  
DE 9 DE AGOSTO A 9 DE SETEMBRO DE 1973  
MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

Havia portas em toda a volta da sala, mas estavam fechadas à chave e Alice, depois de ter andado de um lado para outro, experimentando abrir todas as portas, pôs-se a andar tristemente para o centro da sala pensando em como poderia sair dali.

De repente, avistou uma mesa pequena de três pernas, toda em vidro maciço; em cima não havia nada, a não ser uma chave de ouro, fininha — e a primeira idéia que lhe veio à cabeça foi a chave pertencer a uma das portas mas — coitada! — ou as fechaduras eram muito grandes ou a chave era pequena demais, porque, por mais que tentasse, não conseguia abrir nenhuma das portas. Mesmo assim, na segunda tentativa, Alice descobriu uma cortina em que não havia reparado antes, atrás dela havia uma porta muito pequena, com mais ou menos quarenta centímetros de altura; ela meteu a chave dourada na fechadura e — para seu encantamento — serviu!

Alice logo abriu a porta e descobriu que dava para um corredor, pouco maior que o buraco de um rato: ajoelhou-se, espreitou pelo buraco e viu, no fundo, o jardim mais lindo que se pode imaginar. Como ela gostaria de sair daquela sala escura e correr pelo meio desses canteiros de flores belas e dessas fontes tão frescas! Mas... nem sequer conseguia meter a cabeça pela porta; "é mesmo que a cabeça passasse" entristecia Alice, "de pouco servia, se não passassem também os ombros.

Quem me dera poder encolher-me como um telescópio! Acho que podia fazê-lo, se ao menos soubesse como é que se começa". Bem vêem, tinha acontecido tanta coisa fora do comum que Alice já começava a pensar que só muito poucas coisas eram realmente impossíveis.

Pareceu-lhe inútil ficar esperando ali na porta e, por isso, voltou para perto da mesa com uma certa esperança de encontrar outra chave; ou então um livro que ensinasse as regras para as pessoas encolherem como telescópios: desta vez encontrou uma garrafinha ("que não estava lá antes, com certeza" — disse a menina) e, amarrado ao gargalo, um papel com as palavras "BEBE-ME" lindamente impressas em letras maiúsculas.

Era muito fácil dizer "BEBE-ME", mas, uma menina ajuizada como Alice não ia fazer isso assim sem mais nem menos. "Não, primeiro vou olhar e ver se está marcado *veneno*, ou não" — por que ela tinha lido várias lindas historinhas sobre crianças que tinham sido queimadas, comidas por animais ferozes e outras coisas piores, só porque não queriam lembrar-se dos conselhos simples que seus amigos lhes davam, como por exemplo: um atizador de chaminé em brasa queima as mãos se o pegarmos durante muito tempo; e que, se cortarmos o dedo *muito* fundo com uma faca, geralmente sangra; e ela nunca se esquecia de que se beber muito de uma garrafa

onde estiver marcado *veneno* acabará por ser desagradável, mais tarde ou mais cedo.

Porém aquele frasco não tinha marcado *veneno* e Alice arriscou-se a provar; achando a bebida muito saborosa (tinha, de fato, um gosto de torta de cerejas misturado com sabor de pudim, peru assado, caramelo e torrada quente com muita manteiga) e bebeu-a toda num instante.

(Alice no País das Maravilhas, LEWIS CARROL)

Fotos:  
Miguel do Rio Branco

Impressão:  
Colorama / Atelier de Arte

EU NÃO SOU VOCÊ